

O Mythistórima de Seféris¹

Helene Ikonomopoulou*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a maneira como os fatos históricos, e particularmente a catástrofe na Ásia Menor – que concomitantemente se desenvolvem com os demais temas do Mythistórima – entrelaçam-se aos mitos, revelando o esforço empreendido pelo poeta no sentido de recuperar o tempo perdido de sua raça, e, assim, compreender a realidade contemporânea.

Palavras-chave: Seféris, Mythistórima, mito, história, catástrofe na Ásia Menor.

Para situar Seféris convenientemente entre os poetas da Grécia, não se pode deixar de mencionar as quatro fases que se distinguem na evolução da poesia moderna grega. A primeira é marcada pelas Canções Demóticas e pelo Teatro Cretense, que levaram à produção poética de Solomós e da Escola do Heptaneso. A segunda é assinalada pelo demoticismo poético com Palamás, Sikelianós e a Nova Escola Ateniense. Como terceira fase, deve-se considerar o caso único de Kaváfis que, distanciando-se da poesia tradicional, estabeleceu a ponte para a poesia moderna, iniciada pela chamada geração poética de 1930, constituindo esta a quarta grande fase poética.

1. Giorgos Seféris, cujo verdadeiro sobrenome era Seferiadis, nasceu em Esmirna em 1900. Em 1914, sua família estabeleceu-se em Atenas. Estudou Direito em Paris, onde morou de 1918 até 1924. Seguiu o ramo diplomático e assumiu vários cargos em consulados gregos e embaixadas, em vários países da Europa e do Oriente Médio. Retirou-se em 1962, quando se estabeleceu definitivamente em Atenas. Em 1963, foi honrado com o prêmio Nobel de literatura. Morreu em 1971. Publicou muitas coletâneas de poesia, traduziu várias obras de poetas europeus, além de muitos fragmentos de autores clássicos. Não se pode deixar ainda de mencionar trabalhos de grande interesse de sua autoria, publicados sob o título de *Ensaio*s.

* A autora foi Profa. Visitante de Grego Moderno do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP.

Os autores dessa notável geração distinguem-se pelas seguintes características: mostram preferência pelo estudo; enfrentam com responsabilidade as questões intelectuais; recusam as formas tradicionais; estão em contato com as correntes contemporâneas européias e tentam traçar novos caminhos. A década de 1930-1940 é um dos mais produtivos períodos do lirismo grego moderno. Surgem poetas contemporâneos importantes que seguem principalmente as correntes do simbolismo e, mais tarde, do surrealismo, em direção à renovação da linguagem poética. Não é por acaso que dois desses poetas foram honrados com o prêmio Nobel de literatura (Seféris, 1963; Elýtis, 1979).

Essa grande mudança na poesia foi marcada por um poeta dotado de rico talento e que possuía, além disso, uma consciência profunda do que ocorria em sua época, uma consciência particularmente grega, aquela que manifestava a convergência de todas as tradições literárias. Trata-se de Giorgos Seféris que, com sua coletânea *Strofi*, inaugurou a nova poética, renovando a rica tradição lírica com as fecundas influências que ele recebeu do estudo da poesia européia de Mallarmé, Valéry e principalmente de Eliot. Vale lembrar que Seféris traduziu para o grego obras deste último, como, por exemplo, *A Terra Devastada*. A *Strofi* trouxe um novo vigor e seriedade à poesia grega, caracterizando-se pela simplicidade, pela riqueza de imagens inéditas e ainda por novas e ousadas maneiras de expressão.

Esse novo método poético que, distanciando-se da elaboração da poesia lírica, procura sistematicamente a dramática, revela-se plenamente desenvolvido no *Mythistórima*.

O *Mythistórima* é uma coletânea de poemas que foram escritos em 1933-1934 e publicados em 1935 (150 exemplares às expensas do autor). O próprio poeta explica:

foram seus dois componentes que me levaram a escolher o título desta obra; mito, porque utilizei com bastante clareza uma determinada mitologia; história, porque tentei expressar com certa coerência uma situação tão independente de mim quanto as personagens de um romance².

Segundo a opinião predominante dos críticos, estão presentes nesses poemas as peripécias dramáticas do helenismo e, sobretudo, a lembrança e o sabor amargo da catástrofe na Ásia Menor, que constitui uma ferida incurável no espírito do

2. A palavra *Mythistórima* significa romance, em grego.

povo grego. Diz o poeta: “quem tirará o peso desta tristeza de nosso coração?” (*Myth.* VII).

Reportando-nos ao fato histórico em questão, é imprescindível destacar que, na Primeira Guerra Mundial, a Grécia combateu ao lado dos aliados, enquanto a Turquia se aliou ao grupo das nações adversárias. Assim, a Grécia com a aprovação das potências aliadas ocupou toda a Trácia turca, inclusive Constantinopla. Como o Império Otomano já tinha sido desmembrado, a Grécia encontrou aberto o caminho para tentar recuperar as terras por ele ainda ocupadas.

Foi dessa maneira que começou uma nova campanha para a conquista da Ásia Menor, movimento que levou à libertação de Esmirna, em 1919, e permitiu aos gregos chegar ao rio Sangário, em 1921. Entretanto, os problemas internos, a nova posição dos aliados na guerra e o grande contra-ataque de Kemal provocaram o aniquilamento do exército grego. As populações gregas, após esse desbarate, ficaram à disposição dos enfurecidos vencedores. Pelo menos 300 000 foram massacrados no local enquanto os restantes, em número superior a 1 500 000, procuraram escapar à fúria assassina dos inimigos e, com isso, perderam suas raízes.

A Grécia, atormentada pelas guerras contínuas, devia agora cuidar dos refugiados que chegavam ao país às centenas de milhares, em situação trágica. Diz o poeta: “Mas que procuram nossas almas viajando em conveses de navios arruinados, amontoadas com mulheres pálidas e bebês que choram...” (*Myth.* VIII).

Nessas circunstâncias, portanto, os sonhos de chegar a uma Grande Grécia foram destruídos e, além disso, a nação era levada a dramático impasse, diante do grande problema de acolhimento dos refugiados.

Os mais importantes representantes da Geração de 1930 expressaram o drama das pátrias perdidas e da expatriação, em algumas obras de reconhecido valor. Na poesia de Seféris, esse drama foi fundamental, porquanto o poeta nasceu em Esmirna, de onde sua família partiu para estabelecer-se em Atenas, quando ele tinha apenas 14 anos. Evidentemente, a catástrofe na Ásia Menor tinha um sentimento especial para o poeta, pois representava a perda definitiva de sua cidade natal em que, diz o poeta:

as oliveiras com as rugas de nossos pais
os rochedos com a sabedoria de nossos pais
e o sangue de nosso irmão vivo na terra
eram uma forte alegria, uma rica norma... (*Myth.* XVII).

Essa catástrofe representava ainda a perda do mundo de suas lembranças da infância e da adolescência:

o que amei se perdeu com as casas,
que eram novas no verão passado
e desmoronaram com o vento do outono (*Myth. XVIII*).

É opinião de muitos críticos que o trauma da perda de sua terra natal foi a experiência fundamental da poesia elaborada por Seféris até a criação do *Mythistorima*. O próprio poeta contestou tal interpretação e, sem dúvida, os poemas não são autobiográficos, mas representam uma situação de avaliação geral, “uma situação tão independente quanto as personagens de um romance”.

Na visão de Seféris, o fracasso da investida nacional, interrompendo o caminho para a recuperação das terras perdidas, na tentativa de realização do sonho de unificação da Grécia, desarticulou a vida de cada grego e aniquilou-a sobremaneira. O poeta, descobrindo as causas do esgotamento psicológico e da solidão que caracteriza sua geração, escreve:

Retornamos às nossas casas aniquilados
com os membros debilitados, a boca corroída
pelo gosto de ferrugem e da salinidade (*Mythistorima I*).

Com a catástrofe na Ásia Menor, os acontecimentos dramáticos do período de entre guerras e ainda o incremento do totalitarismo na Europa, a consciência histórica e social do poeta aguçou-se e mostrou-lhe que suas peripécias pessoais não eram independentes dos acontecimentos de sua época. É o que se pode notar pelo uso que ele faz da primeira pessoa do plural, predominante nos poemas em combinação com toda a economia da obra, mostrando que, na invocação da memória coletiva, o poeta fala como representante de sua geração, sobre a qual escreve em seu diário (6 de setembro de 1935):

Geração sacrificada; geração que tem sua juventude assentada numa guerra, já esperando uma outra em sua idade madura (pessoas dessa geração pertencem a um país pequeno como se tornou a Grécia depois de 1922); geração que herdou da primeira guerra uma preocupação antes desconhecida, a sensação de que cada apoio, até as profundidades da alma e do espírito, está corroído e se tornou pó; que tudo está pronto para desmoronar em

poucos instantes [...] geração da escuridão, toda voltada para as esferas sombrias do ser humano, únicas a dar-lhe a sensação da existência, visto que a luz mata em nossa época.

Dessa maneira, Seféris vive a angústia do homem contemporâneo, agravada sobretudo no âmbito do helenismo pela herança dos antepassados, herança que lhe traz sentimentos de profunda responsabilidade intelectual.

Tentando compreender o presente, o poeta mergulhou no passado e, assim, retornando ao tempo perdido de sua raça, vê, por detrás de tudo, o dedo do antigo destino do qual “ninguém pode escapar; de que vale a força, se não podes escapar do mar que te embalou...” (*Myth*. XVI).

Descobre então que os últimos acontecimentos dramáticos fazem parte da seqüência de um “drama antiqüíssimo” (*Myth*. I). Essa observação leva à caracterização da história como uma sucessão de acontecimentos, em que o passado é visto através do presente e vice-versa, e, embora eles não se identifiquem, estão ligados por um destino comum, o “drama antiqüíssimo”.

É precisamente isso que se verifica no *Mythistorima*, pois é evidente aí o emprego do método mítico, no qual o mito é tomado como um elemento estrutural, como uma espécie de diagrama, que ajuda o poeta a exprimir com mais objetividade sua experiência. Aplicando-se esse método, tem-se a identificação do mito com os dados da realidade atual, e, assim, passado e presente se unificam e coexistem no mesmo momento, constituindo o tempo do poema.

Seféris utiliza o material histórico ou mítico no *Mythistorima* suprimindo toda distância na evolução do tempo. Tudo o que está ainda vivo, que ainda não morreu, faz parte da história. Dessa maneira, podem aparecer dentro da poesia personagens míticas, históricas ou atuais. É um método que Eliot seguiu também, pois assinala no *Ulisses* de Joyce o seguinte: “utilizando o mito, conseguindo um paralelismo contínuo entre a época contemporânea e a antigüidade, tem-se uma maneira para se controlar, pôr em ordem, dar forma e significado ao imenso panorama da futilidade e anarquia, que é a história contemporânea”.

É exatamente isso que Seféris pretende também conseguir. “A história”, escreve Mário Vitti, “tornou-se para ele memória viva, e suprimindo as distâncias, oferece-nos um material que, em épocas como a nossa, em que os mitos antigos já se desmoronaram, pode ter a função de um novo mito, de um espaço comum onde se torna novamente possível a comunicação entre nós”. O próprio poeta aliás acentuou que suas referências ao passado se prendem à realidade atual e, explicando seu apego à tradição, comenta:

Minha experiência pessoal mostra-me que a única coisa que me ajudou, mais do que qualquer outra, é minha fé e minha fixação em um mundo de homens vivos e de homens do passado, em suas obras, suas vozes, seu ritmo, seu frescor. Esse mundo todo deu-me a sensação de que não sou uma unidade isolada como feno na eira. Deu-me a força de resistir, por entre as destruições que era de meu destino ver... Não procuro nem parar nem voltar atrás; procuro a sensibilidade e a coragem dos homens que caminham para a frente.

O *Mythistorima*, portanto, assinala a marcha inversa da colonização grega da Jônia. Assim como Homero³ cantava aquela situação, em sua epopéia de 24 rapsódias, da mesma maneira Seféris, em nossos tempos, quando a poesia perdeu seu encadeamento e se tornou fragmentada, apresenta outra visão do antiqüíssimo drama, em 24 poemas aparentemente desligados entre si e anti-heróicos. As unidades constituem uma série de cenas dramáticas em que se move e age um grande número de personagens. O discurso poético adquire o movimento do discurso cênico e apresenta os elementos complementares do gênero, tais como a encenação, a cenografia e os atores com suas máscaras trágicas.

Assim, a paisagem que compõe o cenário é seca, como mostra o poeta nesses versos:

nosso país é fechado, só montanhas
que têm por teto, dia e noite, o céu baixo.
Não temos rios, não temos poços, não temos fontes
Somente poucas cisternas vazias também... (*Myth.* X).

É a região do Egeu com suas ilhas em que se consumou o drama da raça, desde a época da expedição dos Argonautas e da guerra de Tróia até a catástrofe na Ásia Menor, e poderíamos mesmo dizer até hoje, diante da situação que se verifica em Chipre. As ilhas estão distantes do notório pitoresco que sempre constituiu um ímã irresistível para os poetas gregos e os estrangeiros. Nos versos de Seféris, a natureza grega é simbolicamente apresentada e transformada em mito, numa atmosfera de pós-morte: pinheiros queimados, terras vermelhas, praias cheias de remos partidos de viagens que não chegaram ao termo, aldeias dizimadas, casas enterradas na cal, fragmentos de mármore e de estátuas antigas. Tudo está mergulhado na

3. O mundo de Homero participa frequentemente da poesia de Seféris. Muitos versos deste autor trazem à tona passos da epopéia homérica.

circunspeção mortal e no luto todo branco dos locais antigos. É nesse ambiente que o poeta vive como petrificado, já assimilado aos elementos materiais da paisagem seca:

Agora me afundo na pedra.

Um pequeno pinheiro na terra vermelha,
não tenho outra companhia (*Myth. XVIII*).

É nesse ambiente que vêm desfilar os mártires que testemunharam o drama antigo. Apresenta-se Orestes que não pode achar o mar por mais que corra e perambule diante das negras Eumênidas (*Myth. XVI*). Em um dos rochedos se acha também Andrômeda presa, simbolizando a Grécia, enquanto vê as árvores que respiram a negra tranqüilidade dos mortos e depois os sorrisos petrificados das estátuas (*Myth. XX*). Aparece ainda Astiânax, o menino que viu a luz sob o plátano, num dia em que trombetas ressoavam e armas brilhavam (*Myth. XVII*).

Aí vêm alinhar-se também os Argonautas para consertar seus remos partidos. Esses heróis e sua famosa expedição entrelaçam-se com o tema análogo de Odisseu e de seus companheiros. O mito dos Argonautas corresponde à expedição da Ásia Menor, que tem como objetivo trazer de volta o “tosão de ouro”, simbolizando o ideal da unificação da Grécia, enquanto o retorno de Odisseu, a trágica volta, corresponde à catástrofe na Ásia Menor e a subsequente busca de refúgio. Os Argonautas, que se identificam com os companheiros de Odisseu, são homens bons, não gritam nem pela fadiga, nem pela sede, nem mesmo pelo frio intenso. Comportam-se como as árvores e as ondas que recebem o vento e a chuva, acolhendo a noite e o sol sem se alterarem com as mudanças. São homens humildes que de olhos baixos transpiram no remo (*Myth. IV*). Trabalham por dever, crendo em sua missão, mas praticamente são submissos.

Odisseu, apresentando-se em contraposição a eles, é uma figura original, um símbolo que exprime geralmente o destino grego. Além disso, esse herói, como símbolo do homem desenraizado e errante, tem muitos pontos em comum com o destino do poeta, tais como o desarraigamento da pátria, as contínuas mudanças de residência e a intensa nostalgia. Esse Odisseu seferiano, que se identifica com o poeta, é aquele que olha sedentamente em torno de si, sobrevive de olhos abertos, recorda e narra, transformando em poesia sua rica experiência amarga. “Nós que nada tínhamos vamos fazê-los conhecer a tranqüilidade” (*Myth. XXIV*).

A mitologia de Seféris no *Mythistorima* apresenta-se, pois, insinuante, elíptica, uma espécie de narrativa alegórica, que apenas começa e já pára, extinguindo-se na obscuridade. É elaborada pela lembrança indireta da Ásia Menor, por certos aspectos análogos da natureza grega, pela situação funérea das ruínas antigas e dos mitos antigos, na natureza e na vida, e pelas diversas circunstâncias psíquicas e estéticas de sua vida. Em todos os poemas parece que se desenvolve algum mito, alguma história que tende a tomar força e colorido, e a assinalar a expressão dessa situação psíquica do poeta. Mas, nessas sinuosidades da mitologia, distinguiremos apenas uma vez os pontos de contato direto do poeta com a história. Assim, os Argonautas, viajando e passando por diversos lugares, viram:

Desgraçadas mulheres às vezes com lamentos
choravam seus filhos perdidos
e outras enfurecidas procuravam Alexandre Magno
e glórias mergulhadas nas profundezas da Ásia (*Myth. IV*).

Parece, pois, que Seféris pretendeu exprimir o sentimento da grande catástrofe nacional não como uma impressão abaladora, condoída, provocada por um espetáculo externo, mas como uma dor pesada e permanente que foi urdida com o ritmo de sua vida cotidiana.

Seféris, além disso, crê na polissemia da poesia e, por essa razão, recusava-se firmemente a oferecer esclarecimentos sobre seus poemas. Considerava que suas interpretações viriam a ser restritivas, e, como ele segue um método que leva à supressão das dimensões externas do poema, deixa sempre o leitor em dificuldade, quanto à maneira de interpretar, recusando-se sempre a revelar o segredo, tendendo pois para a omissão. O sentimento e a reflexão ocultam-se atrás de uma mitologia. Essa maneira habitual de dar-se a um jogo com o leitor é útil também por outras razões:

E se te falo através de mitos e de parábolas,
é porque os ouves mais docemente, e sobre o horror
não se discute porque é vivo... (*Última Estação*).

Assim, portanto, “mais docemente” Seféris nos dá através do *Mythistorima* a essência do trágico neogrego que é, como diz G. Thémelis, “a nossa incapacidade não só de suportar a nostalgia dos mortos em nosso íntimo – nostalgia que se

tornou um todo com nossa respiração, assim como nossas mãos se tornaram um todo com “os remos e os toletes” da Odisséia interminável desses mortos – mas também a incapacidade de nos reerguermos até alcançar sua estatura, realizando assim seu desejo. Somos sempre os ingênuos companheiros de Odisseu; cortamos “os fios de prata e o odre dos ventos esvazia-se”. Que isso não é mito, mas nossa vida real, mostram-no nossas próprias manifestações. Fica-nos sempre, em todo o caso, uma esperança:

Um pouco ainda
e veremos as amendoeiras florirem
os mármoreos brilharem ao sol
o mar ondular
um pouco ainda,
para nos elevarmos um pouco mais (*Myth. XXIII*).

Esses versos são exemplo excepcional de otimismo no desenvolvimento da obra. O poema anterior (XXII) e o seguinte (XXIV) movem-se numa atmosfera de pessimismo. Assim, o anterior termina com a pergunta “poderemos morrer normalmente?” Logo depois, no XXIII, o poeta procura por um instante a trilha que leva à luz e ao mar livre, mas mesmo esse otimismo é limitado por “um pouco ainda...”. Esse pessimismo consciente, porém, é no fundo o pessimismo de um organismo sólido que não receia pôr o dedo na ferida.

Na essência, Seféris não é nem otimista nem pessimista; é, de fato, trágico, pois, tentando sondar o destino humano, sente a tristeza de quem reflete muito sobre as questões que envolvem os homens. O que tenta rastrear, ligando a tradição com o presente e o futuro, é o caráter trágico da existência humana em toda a sua profundidade. Para isso contribuem os mitos e os heróis trágicos que deles surgem.

Aliás, essa forma de pessimismo constitui uma realidade permanente na alma grega, provocando freqüentemente as fortes reações, sempre presentes nas grandes obras e em momentos críticos da história, pessimismo que se reflete em toda a literatura grega desde as obras clássicas até as canções demóticas e, mesmo na época atual, na arte elaborada de Seféris.

Giorgos Seféris legou à Grécia e ao mundo inteiro uma obra muito valiosa que combina excelentemente todas aquelas características que distinguem um grande autor. Através da sua voz, ouvimos as ressonâncias da raça grega, de Homero até

Macriyánis⁴, e ainda as da voz de poetas estrangeiros. Como Seféris dizia, as palavras de Homero chegavam a seus ouvidos, filtradas por um verso de Baudelaire. Por isso, sua obra, resultante de experiência e de reflexão, tem alcance mundial e está predestinada a desafiar o tempo e a morte.

Abstract: The present work has as main purpose to present the way how the historical events, and particularly the catastrophe in Asia Minor (which developed together with the remaining themes of Mythistórima) intertwine themselves with the myths, revealing the effort achieved by the poet, trying to recover the time lost by his race and thus, understand the present reality.

Keywords: Seferis, Mythistórima, myth, history, catastrophe in Asia Minor.

4. Herói da Revolução grega de 1821, que se alfabetizou já tarde, no intuito declarado de escrever suas Memórias, obra muito considerada não só por seu valor histórico, mas também literário. Para Seféris, ele era um professor.